

Bush vai liberar crédito brasileiro bloqueado

Financiamentos de US\$ 700 milhões do Banco Mundial e do BID devem sair

PAULO SOTERO

WASHINGTON — A pressão criada pela visita que o presidente George Bush fará a Brasília, na próxima segunda-feira, e a nova disposição do governo brasileiro de pagar uma parte dos juros atrasados aos bancos credores devem desimpedir a aprovação, hoje e amanhã, de três empréstimos do Banco Mundial (Bird) e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para o País, num valor total de US\$ 700 milhões.

A concessão desses créditos será a primeira notícia positiva para o governo Collor desde o início das negociações da dívida externa. A rigor, porém, ela não representa mais do que a retirada de um bode que foi colocado em cena para pressionar o Brasil a pagar juros atrasados aos bancos e não asseguraram progressos nos entendimentos com os bancos. Pelo contrário, fon-

tes do Comitê de Bancos disseram ao **Estado** que o clima das negociações, que serão retomadas hoje em Nova York, poderá deteriorar-se seriamente se o governo persistir na posição de não honrar a garantia que a República deu a empréstimos. Os bancos pedirão ao presidente Bush para discutir este problema em seu encontro com o presidente Fernando Collor segunda-feira. "Se o Brasil quer mesmo aproximar-se do Primeiro Mundo não pode tratar obrigações contratadas desta forma", afirmou o banqueiro. "Primeiro houve o congelamento dos depósitos em cruzados, depois a quebra das obrigações da dívida interna com os bancos brasileiros, agora temos o mesmo em relação à dívida externa."

Por outro lado, o acordo com o Fundo Monetário Internacional continua na gaveta de Michel Camdessus — e, antes de ser enviado à diretoria da instituição terá de ter várias de suas metas rediscutidas. O Fundo ainda não tem data para mandar uma equipe de volta ao Brasil para fazer este trabalho e é improvável que o faça antes de es-

tar seguro sobre o rumo dos entendimentos entre o Brasil e os bancos.

Os três empréstimos do Bird e do BID estavam bloqueados desde o início do mês, por iniciativa dos governos dos países industrializados, que controlam as duas instituições. Esses governos, que em setembro haviam pedido publicamente ao Brasil para "resolver o problema dos juros atrasados com os bancos", articularam o bloqueio em resposta à primeira oferta de negociação que o Brasil apresentou aos credores, no mês passado. A proposta não continha pagamentos de juros de qualquer espécie, atrasados ou a vencer.

Exasperado com a posição brasileira, o subsecretário do Tesouro dos EUA, David Mulford, assumiu pessoalmente a coordenação das ações. De acordo com fontes oficiais, o objetivo do adiamento dos empréstimos já foi alcançado porque "o Brasil entendeu o recado", adotou uma posição mais flexível e, na semana passada, ofereceu um pagamento de juros atrasados.